

L • E • T • U • R • A • S

CÂMARA LEGISLATIVA DO DISTRITO FEDERAL

SUPLEMENTO CULTURAL

Ano I nº 3 janeiro de 1993

Rômulo Andrade



É por demais sabido, a cultura européia, portuguesa, chegou ao Brasil Central pelos pés e mãos do bandeirante paulista. No Estado de Goiás, pelo fato de serem originários de São Paulo os descobridores do ouro goiano e, dentre estes, o primeiro superintendente das Minas dos Goias, corrente é afirmação de que o território goiano foi povoado por paulistas. Entretanto, até a presente data (dezembro de 1992) nenhum estudo ou levantamento foi feito, e que seja do meu conhecimento, comprovando essa afirmação.

Na verdade, com relação a origens de correntes migratórias, nos séculos XVIII e XIX, cujo destino comum tenha sido o território de Goiás, nada se sabe. Entretanto, há uma obra que — pela segurança e sinceridade de seu autor, pela abundância de documentos nela extratados — oferece indícios razoáveis dessas correntes migratórias naqueles dois séculos: *Famílias Pirenopolinas*, de Jarbas Jayme, onde levantadas estão as árvores genealógicas de 139 famílias.

Procedendo à contagem, segundo a naturalidade dos respectivos genearcas dessas famílias em Pirenópolis, encontrei:

- a) do Brasil, inclusive de Goiás 49
- b) de Portugal, inclusive Açores e Ilha da Madeira 51
- c) de origem africana, sem indicação de país 25
- d) da Suíça 1
- e) agnógenos 13

A predominância de genearcas de origem portuguesa à primeira vista é uma surpresa, mas ela se torna menos surpreendente recordando-se que, no Brasil Colônia, os principais cargos e postos das capitânicas eram atribuídos pela Coroa A reinóis, portugueses de nascimento, em detrimento dos naturais da Colônia, com o que Portugal mantinha seu domínio.

Das 51 famílias, cujos genearcas nasceram em alguma parte do Brasil, são eles originários de:

- a) São Paulo 16
- b) Goiás, inclusive de Pirenópolis 22
- c) Minas Gerais 6
- d) Bahia 3
- e) Pernambuco 2
- f) Rio de Janeiro 1
- g) Maranhão 1

Reportando às origens de genearcas que fixaram residência em Pirenópolis ao longo dos séculos XVIII e XIX, os dois quadros estão longe de refletir as correntes migratórias para o Estado de Goiás; servem ambos apenas para possibilitar uma idéia esmaecida do que foram aquelas correntes no período considerado. É evidente que, se os estudos genealógicos de Jarbas enfocassem Rio Verde ou

Jataí, Mineiros ou Iporá, os dois quadros traduziram realidade bem diversa, tanto em face do período considerado como em relação a nacionalidades e naturalidades dos genearcas. O mesmo se pode afirmar, caso o escritor pirenopolino tivesse escolhido para seus estudos Catalão ou Ipameri, Pires do Rio ou Anápolis.

Entretanto, os dois quadros, levantados na importante obra de Jarbas Jayme, não exibem um retrato tão ruim quanto se imagina. Como uma amostragem, eles acentuam e deixam nítidos traços peculiares do ciclo do ouro de Goiás, as possíveis origens das famílias que ajudaram a construir as mais antigas cidades goianas: Goiás, Pirenópolis, Santa Cruz de Goiás e outras, todas emergidas num período em que as autoridades portuguesas fecharam os caminhos (ou tentaram fechá-los) para as Minas dos Goias, declarando indesejável, e até proibida, a presença nelas de quem não fosse português ou da antiga Capitania de São Paulo, como narram antigos documentos.

No século XIX as regras contrárias à imigração estrangeira para o Brasil foram sensivelmente suavizadas, quer no advento da Independência, por necessidade estratégica, isto é, como meio de obter forças para o caso de guerra contra Portugal, quer ao longo do período monárquico de Dom Pedro I, sobretudo a partir de seu primeiro casamento, quando o Brasil recebeu missões científicas de países como a Áustria, França etc. Mas foi o Imperador Dom Pedro II o grande incentivador e promotor da intensificação de correntes migratórias da Europa para o Brasil, como ainda hoje atestam as colônias de italianos, alemães, poloneses etc., que se localizaram principalmente em São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Em Goiás, limitando-me à cidade de Goiás, encontram-se indicações e indícios de permanência e residência de estrangeiros: chácara do Baumann, que depois veio a ser por mais de duas décadas a residência de um dos ilustres goia-

Turcos do Brasil Central:

Imigrações, Cultura, Tradições

“Os Sírio-libaneses, impropriamente chamados de turcos, constituíram o principal contingente migratório estrangeiro para o Planalto Central neste século. No presente artigo o escritor Jacy Siqueira expõe os resultados de um estudo que empreendeu sobre o quase inédito assunto.”

Jacy Siqueira

nos — Dr. Sebastião Fleury Curado —, e Moreti Foggia, que se transformou no topônimo de uma das principais ruas da ex-capital goiana. Outras houveram, no que creio firmemente, mas delas não tenho informações.

Oscar Leal (1892), em *Viagem às Terras Goianas*, refere-se a um certo Nicolau Joseph ou Joseph Nicolau (o próprio dentista-viandante confessou não saber ao certo), francês que teria sido o primeiro fabricante de cerveja em Goiás, e a um Cunha, “rapaz d’além mar”, mas

nhóis, italianos, e até mesmo uma família escocesa (em Itaberá); japoneses, suíços, franceses, holandeses, poloneses e, mais tarde, russos, gregos, americanos e gente de outras nacionalidades que ainda não identifiquei, escapando isto do âmbito de meus propósitos. Entre eles, mas como uma vanguarda precursora, já pelo limiar do século e no Triângulo Mineiro, os sírio-libaneses vinham chegando. Porém, desde 1892 ou 1895, segundo me informou o Sr. Saíd Miguel Dhaer, já se assinala a presença na cidade de Goiás de



Fernando Madeira

não indicou sua nacionalidade. Em outro local, glosando os domicanos então em Silvéria, deixou claro que eram italianos, e anotou: “Fala-se no estado goiano contra os turcos, fazem-nos pagar exorbitantes impostos, a esses pobres boêmios que sofrem os ardores do sol, viajando a pé léguas e léguas, para vender por pouco mais de nada as bugigangas que carregam às costas”. Parece-me que eram ciganos e não turcos, sendo este gentílico reservado aos naturais da Turquia. Também Augusta de Faro Fleury Curado, no seu diário de 1896 — Uma viagem a Goiás —, assinala num pouso a presença de um bando de ciganos acampado próximo.

No século XX multiplicam-se as correntes migratórias para Goiás. De memória e sem ordem cronológica: alemães, espa-

pelo menos uma família de origem árabe — os Pelles — e mais outra, em 1908, com a chegada dos Sade.

No artigo “Saga e folclore dos turcos em Anápolis”, José Asmar registrou que, em Anápolis, a primeira família “turca” — os Spir — lá chegou em 1903, acrescentando adiante: “Na década de 1911 a 1920, a colônia (sírio-libanesa) adquire vulto.”

Restringindo-me à região de meu particular interesse e foco de meus estudos, anoto que, ainda na passagem dos anos 10 para os anos 20 do corrente século, o “Correio Oficial” registrava apelo do vigário de Santa Cruz de Goiás pedindo ajuda para fixar famílias alemãs chegadas às margens do rio Corumbá, no extinto povoado de Roncador. Wilson Cavalcanti Nogueira no livro *Pires do Rio —*

um marco da História de Goiás, aborda ligeiramente a colônia alemã em terras santa-cruzanãs, inclusive a venda de preciosos utensílios de uso pessoal e de uso doméstico, o desespero ante a possibilidade de fome, até o suicídio, por enforcamento, de uma jovem alemã.

Isto tudo, porém, não passa de levantamento ligeiro, anotações recolhidas às pressas, que responderam à necessidade imediata.

COMEÇA A INVASÃO ÁRABE

Observo de imediato: ainda não consegui precisar quando o mascate apareceu em Goiás. Tomado o termo no seu sentido literal, pode-se afirmar que ele aqui chegou junto com as levadas de mineradores e aventureiros, nos primeiros tempos das Minas dos Goias. E é, pelo menos, o que se encontra nas “Notícias do julgado de Santa Cruz em o ano de 1783”, confirmando sua presença pelos caminhos e nas vilas e arraiais goianos de então: “Hão em o dito arraial do Bonfim (Silvéria) 42 escravos faisca-dores pertencentes a todos e também hão dez tavernas, os mascates de fazenda (tecido) poucos dias se demoram em o dito arraial.”

O mascate, neste estudo considerado, somente o trem de ferro, ou a antiga jardineira, poderia trazer, embora alguns tenham alcançado várias cidades goianas, para mercadejar, levando suas malas em lombo de burro. Ele, porém, não pode ser confundido com o tropeiro ou com os cometas, que Oscar Leal qualificou de “agentes viajantes de casas comerciais do Rio de Janeiro e S. Paulo”. Vou descrevê-lo.

Era o mascate, em geral, de estatura mediana para alta, bem posto, de bons músculos e dentes. Falava algaravia, fazendo-se entender e entendia a fala da gente de uma pátria que não era a sua, em que era o estrangeiro, o “turco”, palavra às vezes pronunciada como insulto, outras vezes denotando estima. Usava calças largas, folgadas, com bolsos fundos, onde guardava maços de notas separadas pelos respectivos valores:

as menores de um lado e as maiores do outro. No bolso tra-seiro trazia um grande lenço, amarrotado, de frequente uso para enxugar o suor do rosto, da nuca e axilas. Bons calçados, mas não de luxo; camisa de tom alegre e gravata idem, completando a vestimenta o paletó, que nunca combinava com as calças.

Calmo e paciente com todos, adultos e crianças, jovens e velhos, mas sem medo de enfrentar o desconhecido ou o desafeto, e dotado de notável espírito tenaz na consecução de seus objetivos. Se pouco exigente quanto a vestir e dormir, quanto a comer gostava de comida boa e farta à base de carnes, cebola, alho e azeite, variedade de verduras e legumes, pepino a valer, que preferia com coalhada, melancia temperada com pimentado-reino moída. Discreto com as bebidas alcoólicas. Parece, sentia prazer inefável em negociar: vender o mais caro e comprar o mais barato possível. Tratava a todos por "batricião", independente de idade ou de nacionalidade. Para concretizar um negócio, isto é, uma venda, era capaz de dar descontos desconcertantes para o comprador, e terminava a operação com o indefectível: "bai barato, braocê, qu'é cumbadre", num tom conciliado e conclusivo.

Chegava numa localidade com pequena maleta contendo objetos de uso pessoal, roupa de muda principalmente, e uma ou duas grandes malas, de couro ou de papelão prensado, recheadas de mercadorias as mais diversas: cortes de tecido, camisas e cuecas, lenços, meias, véus e grinaldas, estampas, baralhos, relógios, brincos, correntes e outras jóias, facas de cozinha, agulhas de coser, caixas de pó de arroz, sabonetes, enfim — de tecido, armarinho e miudezas — o que coubesse em mala de viagem e nos seus bolsos. Saía às ruas tangendo uma matraca, para anunciar sua presença na cidade.

Em resumo, era um homem de sangue árabe, afeito às agruras do meio, acostumado à aridez e inclemências do tempo e do deserto, com vivência e tradição entre a hostilidade deste e a fertilidade do vale do Eufrates, não seria o cerrado — em tudo o mais ameno de sua vida — que lhe importaria temor. Buscava uma nova pátria. Tinha disposição de luta para encontrá-la, capacidade e alma para amar a nova terra, de querê-la para si e para sua descendência. Sabia-se capaz e com vontade de integrar-se na nova sociedade de novos patriotas, de ajudar, com ela colaborar nos seus esforços de grandeza, e isto tentaria e faria com as armas que lhe eram disponíveis: seus braços, sua disposição para

o trabalho. O que melhor sabia fazer? Mercadejar. Então, nisso empenhar-se-ia, iria contribuir para a circulação de mercadorias da e na nova pátria, que é o que faz a grandeza das nações.

Não sei ainda precisar quantos desses descendentes árabes emigraram para Goiás, mas posso assinalar que, quando o último soldado francês, em 1946, deixou o território do Líbano, ou antes, em 1941, quando a França declarou o Líbano nação independente, alguns desses homens e mulheres se descobriram libaneses. Dai, nestas notas, o duplo gentilício: sírio-libanês.

É o caso de Calixto Miguel Daher, pai do informante Said e avô do conhecido letrista e arquiteto Otavinho Daher, que o século XX encontrou já em Uberaba, Minas Gerais, ou de David Abdalla, pai do informante advogado Mauro Rassi e avô do saudoso médico humanitário Elia Helou Júnior, falecido em Goiânia.

Disse antes, só o trem de ferro poderia ter trazido para Goiás o mascate, quando deveria ter dito os sírio-libaneses. A primeira base de operação (digamos assim) desses descendentes árabes para invadir Goiás foi Uberaba. De lá, pela antiga Santa Rita (Itumbiara) alcançaram o sudoeste goiano, e de Caiapônia foi natural Alfredo Nasser. Com a ferrovia já em Araguari, Minas Gerais, passaram para essa cidade, daí chegando a Catalão e, por Corumbá e Morrinhos, de novo tiveram acesso ao sudoeste.

Na segunda década do século, mudaram sua base de operação para Ipameri, precisamente para Roncador, na margem esquerda do rio Corumbá, mas foi de Ipameri que subiram o planalto para atingir Luziânia, Corumbá, descer por Pirenópolis, Jaraguá e chegar a Goiás ou, passando por Santa Cruz, Bela Vista, Campinhas, Inhumas, Itauçu, Itaberaí e de novo desaguam em Goiás, a ex-capital.

José Asmar, no artigo aqui já citado, caracterizou muito bem a ligação do trem de ferro com o movimento migratório sírio-libanês em Goiás: "É Abraão Jorge Asmar desembarca, vindo da ponta dos trilhos da Estrada de Ferro Goiás, encalhada nas lonjuras de Bonfim. Traz um menino, Miguel, do Líbano, duas filhas (Saida e Adélia) de Ipameri, uma (Amélia) de Bonfim, últimos berços para o nômade que estaciona de modo a nunca mais sair. Perde, na infância, o primeiro rebento anapolino".

Enquanto escrevia, tentava descobrir em qual arraial, povoado, distrito ou cidade goiana não chegou nenhum sírio-libanês. Fixei, a princípio, Santa Cruz de Goiás. Já escolhida a

localidade, logo bati na testa. Não de há ver que, exatamente aí, meu tio paterno Orcesino Alves de Siqueira encontrou a senhorita Warda Abdalla e com ela se casou?

Como se percebe, os árabes invadiram Goiás, envolveram Goiás, que conquistaram sem derramamento de sangue.

ALGUNS PATRONÍMICOS E ALGUMAS CURIOSIDADES

A quase totalidade dessa gente de sangue árabe, que chegou a Goiás nas primeiras levas, era de analfabetos ou semi-analfabetizados, de pouca cultura, filhos de famílias classe média-baixa para menos. Poucos chegaram ao Brasil com alguma economia, com dinheiro nos bolsos, e houve mesmo quem, trazendo algum capital, sem ele ficou durante a viagem, feita de navio e que durava cerca de três meses.

David Abdalla, recém-casado, embarcou com destino ao Brasil acompanhado de sua jovem mulher, e em meio ao mar viu-se completamente com os bolsos vazios, sem um tostão para uma chávena de chá. Para sobreviver e alimentar a mulher, teve de vender parte do



enxoval do casal, mas não se deixou abater pelas dificuldades e, em 1908, encontrava-se em São Paulo. Em Araguari chegou em 1910. Aí comprou dois burros e partiu para Corumbá, Morrinhos etc., com suas malas abarrotadas de mercadorias, exercendo uma das mais antigas profissões: mercador ou, no vocabulário desta terra, mascate.

Já Calixto Miguel Daher, que viu o século XX chegar em Uberaba, mudou-se para Araguari em 1905 e, dez anos mais tarde, encontrava-se em Ipameri, onde montou "uma loja de certo relevo", como me disse seu filho Said Miguel Daher. Em Ipameri, tal qual aprendera com outros que o antecederam no Brasil, pôs em prática a solidariedade, aquela solidariedade peculiar a pessoas que, achando-se no estrangeiro, descobrem que são elas mesmas o estrangeiro. Então fornecia mercadorias a crédito ou em consignação a

compatriotas recém-chegados e lhes indicava que o futuro estava no rumo seguido pela ferrovia, mas ele mesmo, em 1925, retornou a São Paulo, para abrir uma grande ferragista. O seu filho, Said Miguel Daher, voltou para Goiás, casou-se com a escritora Nice Monteiro.

Sem dúvida, alguns regressaram a São Paulo, Santos, Rio de Janeiro, como outros retornaram à pátria de origem. David Abdalla, não. Mudou-se para Goiandira e depois chegou em Roncador; já no comecinho da cidade fundada pelo Cel. Lino Teixeira de Sampaio, em 9 de novembro de 1922, adquiriu um lote, limpou o mato e construiu uma casa pequena, abrigo da família e das mercadorias. Mas... Quem sabe do minuto seguinte? Um descuido, e o fogo, atizado por alguém no mato em torno, atingiu a casa, consumiu tudo: os pertences da família e, o pior, o capital, tudo o que se acumulara em 15 anos de vida e lutas em terras brasileiras. Era 29 de junho, dia de São Pedro, e Marta, sua mulher, fez uma promessa até hoje cumprida por seus filhos e descendentes.

Não vencido nem abatido, David Abdalla contou a maquia

município de Pires do Rio, em 1930, entre os primeiros membros do Conselho Municipal (hoje, Câmara Municipal) figura seu nome. Auxiliaram, financeiramente, a construção de uma das antigas usinas elétricas da cidade, como auxiliaram a edificação do prédio da ex-filial do Instituto Granbery, cuja sede está em Juiz de Fora — o atual Colégio Estadual "Prof. Ivan Ferreira". Quem lá visita a matriz do Sagrado Coração de Jesus sente registradas as generosas contribuições de ambos, como as de outros.

E quando Elias Helou foi se encontrar com sua bela filha Sumaia — de grata e tão saudosa memória —, deixou viúva Rada Rassi Helou, pioneira de Pires do Rio, a quem muito deve a sociedade piresina, pelos relevantes serviços à comunidade local, e três filhos. Infelizmente, hoje, só uma filha sua ainda vive, mas vários netos perpetuam seu patrimonial e o de seu sogro David Abdalla.

De Anápolis, José Asmar registrou: "Barbahan (Helou é crédito. Fala árabe, português, inglês e francês. Lê e esconde leitura, por modéstia." Esse Barbahan Helou, residiu por algum tempo em Pires do Rio, e era primo de Elias Helou. Então, pode-se concluir que os sírios-libaneses emigrados para Goiás provinham de diferentes classes sociais a níveis culturais diversos.

Seguindo o mesmo caminho percorrido por David Abdalla e Anísio Jorge, muitos sírio-libaneses aportaram em Pires do Rio. Uns adotaram a cidade como bom lugar para morar, berço dos filhos, para criar a família e mesmo guardar seus restos mortais. Outros, resolveram apostar em Vianópolis, Silvânia, Leopoldo de Bulhões e Anápolis, e outros ainda, talvez sob o impulso atávico das tribos nômades dos desertos, ou pelo fascínio de Goiânia, terminaram seus dias na capital goiana.

Sem fazer qualquer esforço de memória, posso alinhar os patronímicos sírio-libaneses aprendidos na meninice: Abalém, Abdalla, Amin, Abrão ou Abraão, Bittar, Bramili, Calil (um com c e outro com k), Calixto, Carcute, Cecílio, Cury, Dagher, David, Gebrin, Felício, Helou, Jorge, Koffes, Mansur, Nasar, Rahif, Rassi (um com duplo ss e outro com c & y), Skaf, Tahan, Yazige.

No artigo "Saga e folclore dos turcos de Anápolis", de José Asmar, foi-me possível levantar os seguintes patronímicos: Abdalla, Asmar, Badahuy, Beze, Cecílio, Chehab, Cury, El Hajj, Falluh, Hanna, Helou, Issa, Isac, Mansur, Chaibub, Michel, Nahoum, Quinam, Razen, Sabbag, Sahium, Salum, Squeff, Tomé e Tuma. De Catalão e Ipa-

meri, além dos Fayd e dos Daher, ainda e apenas de memória, registro: Cosac, Cecílio e outros, em Vianópolis os Rassi, dos quais, hoje em Goiânia e no Estado de Goiás, se destacam descendentes nos campos da medicina, da engenharia e na política.

É sabido que muitos patronímicos de origem européia, na Idade Média, se formaram, em regiões de línguas latinas ou neolatinas, pelo acréscimo de um sufixo ao nome do pai da criança batizada; em Portugal, o sufixo "es" (e & s). Assim, o Joaquim, filho do Álvaro foi chamado de Joaquim Álvares; o Manuel, filho do Rodrigo, recebeu o nome de Manuel Rodrigues; o José, filho do Fernando, ficou José Fernandes.

A tradição árabe — para distinguir o nome do filho do nome do pai — é muito mais antiga, surgida em tempo muito anterior à Idade Média. O filho recebia o nome do pai acrescido do "ibn" (i, b mudo, n), mas essa prática não anotei entre os sírio-libaneses de Goiás. Uma outra, também antiquíssima, sim. Ainda na velha Síria, Abdalla Rassi deu ao filho o nome de David, que veio a ser o David Abdalla, emérito dadão em Pires do Rio. Neste caso, o nome do pai passa a patronímico do filho.

Anísio Jorge chegou em Pires do Rio em 1926, trazendo seu primogênito, com cinco anos de idade: Jorge Anísio (nele também a mudança do nome em patronímico), meu informante, que em seus filhos restaura o patronímico paterno, assim como David Abdalla fez com seus filhos: Rada e Mauro Rassi. Tenho anotado exceções determinadas pela vontade do pai: Semé (apelido familiar; significa sublime, elevado), registrado Elias Helou Júnior, conforme a convenção já tradicional no Brasil, e foi em Goiânia um pediatra de notável e eficiente professor universitário, em quem senti as qualidades de dedicação e humanismo, que o câncer levou "desta vida descontente", roubando eu de Camões o verso. Entretanto, até agora, não consegui registrar um único caso do uso do "ibn", mas de outros que despertam a curiosidade.

Em Pires do Rio vieram, sem que fossem filhos uns de outros, o David Abdalla e Abdalla David; o Abrão João Calil (Calil com c), de estatura baixa, sorridente e introvertido, tinha sua loja de frente do Abrão José kalil (Kalil com k), bem alto, extrovertido, barulhento. Mas o Jorge, filho de Dib Skaff, ficou com o nome de Jorge Dib Skaf. Anísio Jorge já residia em Pires do Rio para mais de 20 anos, e lá abriu loja na praça central da cidade, Anísio Jorge, diferenciando-se um do outro

apenas pela troca da letra "s", em Anísio, pela "z". Fui informado, porém, que o Anísio (com z) de fato era Aniz Jorge. Há outros casos, porém os aqui apresentados são suficientes à ilustração.

AS CONTRIBUIÇÕES CULTURAIS SÍRIO-LIBANESAS

O Império Romano dominou militarmente a Grécia e esta subjugo culturalmente aquele, perdurando essa sujeição pelos séculos afora, desdobrando-se nos povos latinos ou neolatinos. Parece-me que o antiquíssimo feito já está se configurando e se repete em Goiás.

Em São Paulo, por exemplo, é fácil perceber a influência italiana em quase todos os aspectos sociais, inclusive a presença de expressões e locuções da língua de Dante no linguajar popular. No sul, nos Estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sente-se a influência — por lá muito saliente, dependendo da região de cada um desses estados — de italianos, poloneses e alemães. No Brasil inteiro, os termos emigrados para a língua pátria nissei e sansei designam, respectivamente, o filho e o neto de emigrantes japoneses. Entretanto, nem mesmo em Goiás, onde a maior colônia de estrangeiros até hoje é a sírio-libanesa, apareceu uma palavra, um neologismo designativo de filhos ou neto de seu genearcas.

Também pesquisador do Folclore, já tendo publicado *Despontar da Goianidade*, um estudo comparativo das manifestações folclóricas, goianas com as semelhantes de outras localidades brasileiras, venho tentando determinar as contribuições sírio-libanesas nesse sensível e significativo ramo do conhecimento humano. Confesso: pelo menos até o presente, muito pouco consegui. Talvez isso se deva ao fato de os genearcas sírio-libaneses aqui em Goiás, sob o peso das dificuldades de comunicação e do meio, portanto da desconfiança, terem resistido a conceder suas filhas em casamento aos naturais, assim quebrando a natural corrente de transmissão de elementos folclóricos de uma para outra geração, ou do árabe para o brasileiro. Pessoalmente, considero normal essa desconfiança, emergente das profundas e substanciais diferenças de língua: na linguagem o homem e sua história.

Discreto e simples no trajar, mas com exceções, parece que os genearcas sírio-libaneses em Goiás tinham uma postura perante a vida muito parecida com a do bandeirante, como mostrado por Alcântara Machado no seu magnífico *Vida e morte do bandeirante*. A outros bens materiais, preferiam adquirir jóias, peças de ouro e pedras preciosas, para si, suas mu-

lheres e filhos. Isto, porém, não significava descuido com a casa de residência, o lar. Ao contrário, gostavam de casas boas e confortáveis, evidenciando isto o sobrado dos Fayad em Catalão, já indicado para tombamento pelo Patrimônio Histórico e Artístico de Goiás, e várias casas e sobrados em Pires do Rio, que deveriam ser preservadas como espécimes arquitetônicos peculiares do período entre as duas Grandes Guerras Mundiais. Em Anápolis e outras localidades tiveram o mesmo comportamento, com reflexos em Goiânia.

A impressão que tenho é que, por algum fator sociológico ou psicológico, os sírio-libaneses chegaram a Goiás com o desejo de ficar, mas também com poderosa vontade de integrar seus herdeiros e descendentes na sociedade que os recebera. Hoje em dia, quando economicamente ativa a terceira geração da gente de sangue árabe, e já estão aí as quarta e quinta gerações frequentando as escolas e, em algumas famílias, chegando a sexta geração, sente-se que nos usos e costumes, a cultura árabe não é tão evidente na sociedade goiana como a italiana



é na paulista, por exemplo. Se os genearcas sírio-libaneses preferiam o comércio, principalmente os ramos de tecido, armarinho e calçados ou operarem cerealistas, e uns poucos se dedicaram à industrial, na atualidade goiana vemos seus herdeiros e descendentes ativos e atuantes em todos os setores das atividades humanas.

Parece que os genearcas sírio-libaneses não quiseram deixar, pelo menos em Goiás, os seus usos e costumes, seus contos tradicionais (os de origem árabe aqui chegaram através de livros, traduzidos por expressivos nomes das letras nacionais); suas danças e instrumentos musicais etc. Nada disso faz parte dos usos e costumes goianos, nenhum deles se registra no folclore regional. Entretanto, deixaram traços profundos na cultura goiana, para não dizer na nacional.

No anedotário brasileiro, o

"turco" está presente. É o sabido, o esperto, capaz de enganar o roceiro, sempre levando a melhor. Ao contrário do português, eterna vítima, constantemente enganado pelo caipira. A propósito, Augusta de Faro Fleury Curado, no seu diário de 1896 — Uma viagem a Goiás —, anotou em Araguari, 29 de agosto: "Aí presenciei cena original, que não quero deixar de contar. O vendelhão, velho português, barrigudo, assentado à califourchon sobre o balcão; a um canto, de cócoras, um caipira de olhar velhaco, magro, chapéu de palha, examinava um rolo de fumo. — Oncê me diga cá uma coisa: esse fumo é de Guaias ou de Minas? — De Goiás, stá bisto, homem! — Vamo negociá ele? Quanto dá por um metro! — Não bendo metro; ou vai o rolo, ou nada. — Quá! vai por dois tustão e 12 ovos, serve? — Bem, bamos com isso! — O caipira piscava os olhos, ri-se e do rolo ia fazendo um cigarro, que acendeu, e, montando a cavalo, partiu dizendo: — Até às vistas... O português ficou com uma cara! Foi tolo."

Para salientar o contraste, conto uma ouvida ao tempo de

minha meninice em Pires do Rio.

Depois de muita peleja, o "turco" conseguiu vender uma calça a um roceiro, sob a garantia de que jamais ela iria encolher. Solicito com o cliente, facilitou-lhe trocar a peça de roupa ali mesmo na loja. O roceiro saiu para umas voltas pela cidade e, advindo a tarde, foi colhido por uma chuva, que o molhou inteiro à falta de um abrigo. Molhada, a calça se encolheu, subindo tanto a barra a deixar nuas as canelas do caipira. Indignado, foi tirar satisfação com o "turco". Este, ao ver chegar o freguês enganado, gritou logo: — Cumbadre, como cê cresceu!

Outra marca profunda, que se assinala e anota, está na comida — os pratos que passaram da mesa árabe para a brasileira ou para a goiana. Desde o simples azeite com pitada de sal em que se molha pão francês ao pão

sírio e ariche. O quibe-cru, assado, enrolado ou achatado (forma de disco) e frito — de há muito concorrem com a macaronada italiana e o franguinho domingueiro — tão tradição Brasil interior — e que o brasileiro enrola em ovo cozido antes de fritar ou acrescenta fatias de queijo roceiro, em camadas alternadas, para levar ao forno; O tabule, trigo cortado e inchado em água misturado com pepinos e tomates picados, servido com folhas de alface (para fazer trouxinhas e levar à boca), hoje elemento do trivial diário de muitas mesas tradicionais goianas. Como o malfufe, o charuto (arroz e carne moída enrolados em folha de parreira ou de repolho); mijadra (arroz com lentilha com cobertura de fatias de cebola douradas), na versão brasileira o baião-de-dois (arroz com feijão); esfiha e kaska (carne moída, prensada no espeto e assada) tão comuns nos bares e lanchonetes; o mîxui, que nada mais é do que o espetinho, churrasquinho ou churrasqueto, e o aluá (não confundir com a bebida do mesmo nome), o haleua (delicioso), o hallum (lembra gelatina), a aletria e outros doces, principalmente de gergelin, para ficar só nesses acepipes e não delongar mais estas notas. Porém, sem esquecer que a prosaica almôndega, emigrada da mesa portuguesa para a brasileira, a antiga alboudega do século XVI, de tempos anteriores designada al-búndaqa, nada mais é que um dos legados árabe aos dois povos.

Nestes dias correntes, em que os sírio-libaneses já não são tão rijos na escolha de seus genros e noras — outrora só podiam ser "batricios" — e que normal e frequente o casamento entre filhos de brasileiros e árabes, percebe-se nitidamente que a gente árabe já se integrou na sociedade que a acolheu, embora mantendo certas características físicas da raça, quer pelo seu lado fenício, quer pela origem beduína.

Como os romanos, que se deixaram dominar culturalmente pelos gregos, em Goiás os sírio-libaneses, a rigor, anularam sua cultura, deixaram-se dominar pela cultura regional, assim como quem chega pra ficar. Fica e se integra à sociedade que o adotou.

Para terminar, levanto aqui nova questão: Não terá sido facilitada essa integração social por alguma de nossas heranças portuguesas? Afinal, 80% ou mais das famílias goianas têm genearcas de origem portuguesa, povo da península ibérica por muitos e muitos anos dominado pela gente árabe.

*Jacy Siqueira é poeta, ensaísta e historiador.
Endereço para correspondência: Rua 5
Nº 605 Aptº 204 Setor Oeste — Goiânia-GO.